

## **PROGRAMA DE ENSINO DE CIÊNCIAS PARA IDOSOS: (RE)CONTANDO HISTÓRIAS DE VIDA**

### **3.2.1 O idoso aprendendo ciências - construindo cidadania**

- **APRESENTAÇÃO**

Esta proposta baseia-se no desenvolvimento de um programa de Divulgação Científica para idosos. O programa compreende atividades para o ensino de temas referentes à Saúde do idoso visando à construção de conhecimentos, tornando-os mais próximos do discurso da sociedade contemporânea.

O programa deve ser levado às praças, clubes, asilos, ou seja, a qualquer espaço que tenha como público os idosos e deve ser adaptado à realidade de cada contexto, deve ter no mínimo cinco encontros, com duração de quatro horas cada um.

Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber (...) Outras, mais próximas da educação informal, ocorrem em espaços específicos, em centros culturais, jardins botânicos, zoológicos, museus de arte ou de ciências. Ou ainda, ao ar livre, em praças, feiras, estações de metrô e onde mais as pessoas possam partilhar saber e arte com seus semelhantes. Será possível ensinar e aprender ciências dessa forma? Será que conteúdos científicos, abstratos, vinculados a estruturas lógicas formais, podem ser compreendidos em meio a esse caleidoscópio de informações e sensações, sem que se obedeça ao rígido ordenamento lógico característico do conhecimento científico que a educação formal oferece? (GASPAR, 2008, pp. 173-4).

Podemos aprender conteúdos científicos para além do espaço formal da escola. Entretanto, a linguagem científica não pode ser abandonada. Assim, a

proposta é de uma prática que articule o saber acadêmico científico e o saber popular. Não devemos entender saber popular como senso comum, mas, sim, como a demanda que se constitui na fala da população.

Se (...) a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto, aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos da minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento. (FREIRE, 1986, p. 35).

- **EQUIPE ENVOLVIDA**

A equipe envolvida precisa ser multidisciplinar abrangendo profissionais de Saúde; professores de ciências, entre outros.

- **PÚBLICO**

A idade do início da velhice é uma questão que não comporta um critério único e invariável, no tempo ou entre culturas. Assim, de acordo com Néri (1995), a passagem do tempo, referida pela idade cronológica, não causa o início da velhice, nem de qualquer outro período etário. Ela é simplesmente um parâmetro social do indivíduo, ou uma dimensão ao longo da qual são registradas as mudanças evolutivas.

Sendo assim, poderão integrar o programa aqueles que se declararem idosos. Ou seja, não será feita uma seleção a partir de determinada faixa etária.

- **PERÍODO**

O programa deverá ter no mínimo quatro encontros de cerca de três horas cada um. Adaptações de acordo com o público, sua participação e o espaço onde o programa for implementado poderão acontecer.

### **3.2.2 Conteúdos, objetivos e metodologias**

- ***A História de Vida – primeira etapa***

O **objetivo** é que, com o recurso da técnica da História de Vida, o idoso possa construir o seu lugar como protagonista do programa, a partir de temas que serão oriundos de sua própria história de vida - **conteúdo** - e que estejam articulados com os outros temas, listados na segunda etapa. Tal como nos dizem Bosi (1994) e Beauvoir (1990), os idosos precisam ser descritos por eles mesmos e não apenas pelos outros, os especialistas.

Em seus estudos, Thompson (1992) revelou o valor das pessoas como testemunhas do passado e, quando as ouvia, percebeu que elas tinham sempre alguma coisa interessante a dizer. Observou a riqueza e a importância da memória dos sujeitos anônimos. As narrativas apresentadas nesta pesquisa revelaram o desenvolvimento humano como sendo um processo dialético, discursivo, que se estende por toda a vida adulta e prossegue na velhice.

Esta etapa programa tem como objetivo incluir a vivência da velhice por meio da análise dos processos de significação e geração de sentidos que permeiam o envelhecimento e o bem-estar subjetivo.

O **recurso metodológico** utilizado deve ser a da História de Vida: “Cada idoso (aquele que se sentir à vontade para isso) relata uma cena de sua vida: infância, adolescência, vida adulta e velhice”. As cenas serão discutidas e temas acerca da Saúde do Idoso serão escolhidos para serem desenvolvidos na próxima etapa.

- ***O Processo de Saúde – segunda etapa***

Aqui, a partir do relato da história de vida do grupo de idosos envolvidos, serão realizados por profissionais de Saúde estudos acerca de temas referentes ao processo de envelhecimento, com destaque para a Qualidade de Vida. Assim, diversos temas - **conteúdo** - recorrentes na vida cotidiana dos idosos serão abordados e serão apresentadas possíveis alternativas para o desenvolvimento da Qualidade de Vida, respeitando-se as especificidades do grupo de idosos envolvidos. Tais temas são: osteoporose; vida sexual; pressão arterial; alimentação; exercícios físicos, entre outros. Lembramos que esses temas dependerão das narrativas de vida dos idosos envolvidos.

O **objetivo** é que conteúdos científicos importantes possam ser aprendidos pelos idosos para construção de saber acerca de sua Saúde. Além disso, temos por objetivo aproximar o idoso do debate de temas que são importantes para a afirmação da cidadania. Assim, o ensino de ciências não é só no campo das ciências naturais, mas, também, das humanidades.

Os **recursos metodológicos** devem ser oficinas ou quaisquer outras atividades que favoreçam a interação, para que os aspectos de mediação sejam favorecidos.

- ***O Estilo de Vida – terceira etapa***

Podemos definir estilo de vida como sendo o tipo de relação estabelecido a partir de uma condição de possibilidade histórica, política e econômica. Assim, o estilo de vida da Modernidade apresenta as seguintes características: individualismo; competição; identificação do corpo como instrumento de produção; identificação da memória, e, portanto, da velhice, como obstáculos à construção do conhecimento e à produção.

Logo, essa etapa do programa tem por **objetivo** a afirmação do idoso como sujeito das práticas sociais.

O **recurso metodológico** a ser utilizado é o da dramatização, ou de outras formas de arte, pois entendemos que essa é uma maneira de não estar alheio ao outro, rompendo, assim, com uma das máximas da Modernidade que é o alheamento em relação ao outro. Ou seja, representar papéis nos aproxima, como também o outro, de uma realidade que não é nossa, permitindo, assim, a troca de papéis sociais.

O embasamento dessa técnica pode ser o discurso de Augusto Boal acerca do Teatro do Oprimido (2000):

O Teatro do Oprimido é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos espect-atores. O Teatro do Oprimido é uma forma de teatro entre todas as outras (...) A linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial. Sobre o palco, os atores fazem exatamente aquilo que fazemos na vida cotidiana, a toda hora e em todo lugar. Os atores falam, andam, exprimem idéias e

revelam paixões, exatamente como todos nós em nossas vidas no corriqueiro dia-a-dia. A única diferença entre nós e eles consiste em que os atores são conscientes de estar usando essa linguagem, tornando-se, com isso, mais aptos a utilizá-la. Os não-atores, ao contrário, ignoram estar fazendo teatro, falando teatro, isto é, usando a linguagem teatral (...) (BOAL, 2000, p. ix).

Ou seja, o Teatro do Oprimido é um discurso contra a naturalização das práticas sociais; é um discurso que busca a conscientização - **conteúdo** - diante do fato de que as condições de possibilidade de nossas vidas não são naturais, mas constituídas a partir do momento histórico, político e econômico. Assim, toda a valorização da juventude, na sociedade moderna, por exemplo, é consequência das relações de produção impostas pelo Capitalismo: o corpo é instrumento de produção e conseqüentemente de lucro.

Entre os exemplos contados por Boal (2000) está o da velhice: jovens representando a velhice como contemplação da vida e impedimento das atividades produtivas e das demandas e dos desejos. Após a intervenção de Boal, a simples contemplação desapareceu.

- ***(Re) Contando Histórias – quarta etapa***

O **objetivo** dessa etapa é possibilitar que o idoso evidencie através da fala e da expressão corporal e emocional, unindo comunicação e arte, abrindo espaço para o (re)contar histórias de vida.

O **recurso metodológico** a ser utilizado também é o da dramatização ou de outras formas de arte. Entretanto, as cenas serão criadas pelos idosos a partir dos temas aprendidos. Na segunda etapa as histórias serão apresentadas para outros grupos de idosos. Essa etapa permitirá, também, uma avaliação acerca do conteúdo aprendido.

- ***Exemplo de uma possível implementação do Programa a partir da fala de uma idosa***

Com a intenção de discutir a forma poderá ocorrer a prática descrita acima. Organizamos aqui um exemplo a partir do material colhido através de entrevista aberta, com uma idosa moradora do Município de Niterói. A entrevistada é uma viúva de 75 anos. As suas falas orientaram o exemplo aqui exposto.

- ***A História de Vida da entrevistada – primeira etapa***

***Nasci no Ponto Pergunta as margens do Rio Negro. No Rio Negro, tinha uma ponte de madeira e, minha tia Antonieta comigo no colo, debruçou-se no corrimão da ponte, ficando todos da família preocupados comigo achando que eu podia cair no rio, pois minha tia era muito novinha, e distraída (...) Quando eu nasci, mamãe passou por muito sacrifício, vovô Neco definhava, estava muito doente. Tinha problema de estômago. Tio Miguel, irmão de minha mãe, falava que era cirrose doença provocada por um caramujo que tinha no Rio Negro e que dava este mal, e que na época não tinha cura. Quando meu avô faleceu, eu tinha seis meses (FALA 1).***

***Quem tinha muito carinho por mim, era tio Sancler, irmão de minha avó Adelaide. Vovó Amélia, minha Bisavó, era negra, filha de escravo, nasceu na lei do Ventre Livre. Falava tudo errado. Dizia: Nirzinha, vamo armuçá (FALA 2).***

***Mamãe morava longe de minha tia e achava que ela por morar na cidade tinha uma vida muito boa, de mais dinheiro e mais fartura. Vovô Neco não fez gosto no casamento de tia Zezé, pois seu pretendente era tocador de viola, um boêmio e na época a sociedade era muito***

*preconceituosa, não aceitavam as pessoas que queriam ganhar a vida com arte (FALA 3).*

*Lá na roça se contava muitas histórias de lobisomem, saci-pererê, mula sem cabeça. Vovô Paulino, pai de meu pai, vivia inventando histórias. Contava que uma vez numa noite muito escura, a porteira de seu sítio começou a bater sem parar, e ele muito assustado foi correndo ver quem era, chegando lá não havia ninguém e a porteira estava fechada (FALA 4).*

*Papai não ligava para as riquezas do quintal, gostava de criar porcos, galinhas, patos. Cuidava muito bem dos bichos, mas a finalidade era para ter fartura de comida durante o ano. Era uma festa, quando chegava o dia da matança dos animais. Vinham gente de todo lado para ajudar, e de madrugada já era a maior confusão. Começavam a lavar o porco, o bichinho parecia que já sabia que ia morrer, chorava muito e eu e meu irmão tínhamos que assistir a tudo, não tinha outro jeito. Quando moravam na roça era assim, eles trouxeram esta cultura pela vida a fora.*

*Mamãe de véspera já preparava às vasilhas: latas de banhas que arranjavam nos armazéns das redondezas, tachos, panelões, tudo muito bem lavado, higienizados para armazenarem as carnes no outro dia. Passavam o dia todo trabalhando. Vovó Marica, tirava as tripas do porco, limpava tudo muito bem, deixando de molho no limão galego, para depois fazer lingüiça.*

*Tia Antonieta, vovó Marica, papai, mamãe, a vizinhança passavam o dia ajudando e na hora do almoço mamãe fazia um angú com os miúdos do porco para todos almoçarem.*

*Da gordura se fazia torresmos, do sangue chouriço, das tripas já falei; faziam lingüiça. Era um cheirinho muito bom de alfavaca, tempero que mamãe usava muito para temperar as carnes.*

*De madrugada já começavam o movimento, colocavam água a ferver num tacho muito grande, faziam uma fogueira muito grande e aquele fogo durava o dia todo. Meu filho Eduardo fica horrorizado quando conto estas histórias. Acho que com o passar do tempo a raça vai melhorando (FALA 5).*

*Na minha infância lembro-me de ter ficado muitas vezes de castigo, muitas vezes me colocavam atrás da porta e esqueciam de mim, eu acabava dormindo. Batista meu irmão, fazia muitas artes, e apanhava todos os dias (FALA 6).*

***E mamãe sempre junto, a a a, a cuidar e meu pai também quando eles foram pro jardim, papai que ia buscar, então foi um trabalho que, que eu sentia muita alegria de ter dado também essa alegria pra eles né, porque (...), era um trabalho mais de alegria porque é eu pensava assim, puxa, eu tinha empregada, que também que vinha e ajudava e fazia o serviço, mais a mamãe, era assim o maior xodó, ninguém trocava nem uma fralda né, e aí eu pensava assim, puxa Neusa, fico dando trabalho pra eles mais ao mesmo tempo eu sentia, era, uma nova vida, foi tudo uma continuação, que eu pude dar essa alegria pra eles, não era um peso, era também alegria, porque é, até meu irmão, como ele ficava contente de chegar e ver os sobrinhos, e logo assim também ele casou, e e, também começou a chegar os filhos, então é tivemos sempre muito trabalho mais também muitas alegrias, dentro do trabalho, mais também muitas alegrias, dentro do trabalho que é normal, é a vida, isso aí faz parte do viver, de a gente estar sempre se comunicando, todo mundo fazendo aniversário, todos juntos. A minha sogra, ali do lado, também que participava muito, minhas cunhadas, e ali ficou todo mundo sendo padrinho e madrinha, então era tudo numa roda só. Ah! Ah! Muito gostoso (FALA 7).***

- ***O Processo de Saúde – segunda etapa***

A fala 1 pode indicar o seguinte tema: ambiente/ saúde/doença. A partir das explicações acerca da fala da idosa, podemos discutir o lugar onde o programa está sendo implementado, articulando com os aspectos do binômio saúde/doença.

A fala 2 pode nos remeter ao tema da igualdade racial.

A fala 3 permite continuar a discussão sobre preconceito social. Podemos, ainda, debater a vida no campo e a vida na cidade, discutindo a Revolução Industrial e as consequências para a saúde: transtornos causados pela Modernidade.

A fala 4 possibilita o estudo sobre mitos e folclore brasileiros e, além disso, sobre a relação entre mito e ciência.

A fala 5 pode nos ajudar a discutir alimentação.

A fala 6 permite discutir respeito e história-social da família no Brasil.

A fala 7 permite discutir o lugar do idoso.

- ***O estilo de vida – terceira etapa***

As cenas descritas na fala da idosa podem gerar cenas a serem apresentadas aos idosos para a encenação.

- ***(Re) Contando Histórias – quarta etapa***

Novas cenas podem ser criadas a partir da discussão anterior e devem ser apresentadas para outro grupo de idosos.